



Meta Morfose



POLÊMICA

Porque brinquedos de meninas e meninos?

GENTE COMO A GENTE

Conheça um pouco das Drags de BH!

“BRINCAR DE SER”

O caminho em performar novas fantasias.



Quem é
Alice Ink?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

DAVID COELHO OLIVEIRA

METAMORFOSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais, modalidade Licenciatura, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título.

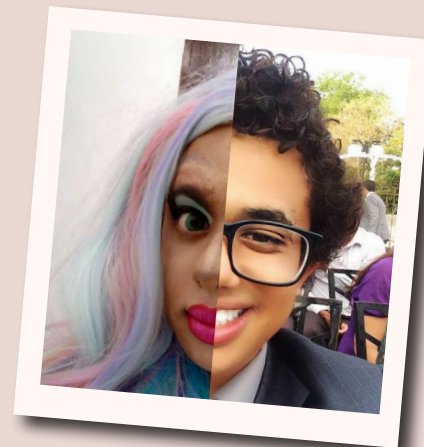
Orientadora: Profa. Me. Sílvia Amélia Nogueira de Souza

**BELO HORIZONTE
2018**

Meta Morfose

Celebre a Vida!

**Dedico este trabalho à todas
as crianças e adultos que não
têm medo de brincar de Ser
feliz!**



*Agradeço ao meus pais e
aos meus amigos que me
motivaram a estar aqui
hoje...*

SUMÁRIO



5	Introdução	32	Descobrimos profissões
6	Esse sou eu	34	Brincando de Cozinhar
8	Memórias	36	Gender Bender
10	Entrando no Cásulo	42	Momento Leitura
12	Quem é Alice Ink?	43	Brincar de Maquiar
16	Outros de mim...	45	Brincando com o Circo
18	Domingos Mazzilli	47	Fotos GTD
20	Isabelle Gee	50	Literatura Infantil
22	Leona Souki	54	Falando de Gênero... Qual o Problema?
24	Sarah Nicks	56	Considerações Finais
26	GTD: Brincando de Ser	58	Ref. Bibliográficas



INTRODUÇÃO

A minha pesquisa foi motivada por lembranças da minha infância e pelas oportunidades que eu não tive de brincar com o que era proibido para os meninos.

Em 2018, criei um projeto de oficina para crianças, com o intuito de observar como aconteciam as relações delas com as brincadeiras, e para saber se haviam situações semelhantes com as que eu vivi na minha infância. Nas aulas/ brincadeiras busquei oferecer um contexto de aprendizagem leve e livre.

O projeto Brincando de Ser foi ministrado no espaço de GTD - Grupo de Trabalho Diferenciado, no Centro Pedagógico da UFMG, para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, durante 2 semestres, sob orientação da professora Sílvia Amélia Nogueira de Souza. Rememorando, para mim foi muito

complicado chegar na Escola de Belas da UFMG com muitas referências da cultura midiática (TV, Youtube, revistas adolescentes) e escutar muitas críticas dos diversos professores que passaram pela minha trajetória estudantil. Fui mesclando estes comentários com as minhas vontades e aos poucos descobrindo novos caminhos que poderiam recriar a partir dali.

Ao longo da graduação fui rompendo com os meus medos de criar com o meu corpo e neste processo fui construindo minha persona artística, que ganhou força com a ajuda de amigos.

O Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura de Artes Visuais foi criado em uma estética POP, que nos remete as revistas de fofoca voltadas para o público de adolescentes. Se inspira também na visualidade das caixas de boneca, com textos e fotos de cores vibrantes.



Esse sou eu!

Sou David, um homem com 23 anos de idade, e futuro arte educador. Cresci em uma família tradicional, onde meu pai foi o provedor da casa durante a maior parte da minha vida. Minha infância foi bombardeada por referências midiáticas como “Disney”, não só com os filmes, mas também na decoração de festas infantis. Acompanhei minha prima e minha mãe na feitura da decoração

de festas temáticas. Elas confeccionavam esculturas em MDC no tamanho real dos personagens, e eu pude ajudá-las em alguns momentos. Além disso, eu gostava muito de colorir, desenhar, fazer bonecos de massinha de personagens e isso me impulsionou a seguir meus desejos de conhecer e estudar arte. Meu desenvolvimento na infância e juventude seguiu o estereótipo padrão heteronormativo de como um homem deve ser na nossa sociedade (não chora, forte, viril), mas estes moldes não se encaixavam com minha personalidade. Por ser mais sensível já era taxado como “viado” e chamado de “mulherzinha”, por parentes e alguns colegas de escola.

**“O que era ser “viado”
e “mulherzinha”?**

Isso me incomodava, pois as mulheres que me cercavam eram as pessoas mais incríveis que eu conhecia. E não demorei a descobrir que o termo era utilizado para desqualificar um menino nos seus atributos de “macho”. Sobre ser chamado de “viado” eu fui descobrir o porquê só na minha adolescência. Devido as coisas pejorativas que o termo carregava eu não queria ser “viado” de jeito nenhum, porque soava como algo sujo e ruim. Sobre a minha sexualidade desenvolvi interesse tardiamente em comparação aos colegas de classe e senti a homofobia na atitude deles.

Voltando para a infância que é o foco da minha pesquisa, eu tive como referência minha mãe, a pessoa que me estimulou nas artes. Ela é artesã e vi durante essa fase ela pintando e fazendo muitas esculturas de biscuit. Como menciona-

do, os contos de fadas, histórias de princesas e de fantasias presentes no mundo de Walt Disney mexiam comigo porque tratava de mundos imaginários. A magia existia e dentro dela você podia ser o que quisesse. Descobri uma identificação com o feminino encontrado nestes filmes: a princesa, os vestidos, a sensibilidade, o brilho. Me sentia pertencente aquele universo e aquelas características que me encantavam. E eu não poderia expressar esta identificação para o mundo. Não me sentia à vontade para enfrentar algo que era totalmente fora do esperado de um menino-homem. Essa fantasia se manifestava durante as noites ao transformar os lençóis em vestidos ou após o banho enrolando a toalha na cabeça e dando vida há longos cabelos. Mas é claro que tudo isso acontecia longe dos olhos dos meus pais!

Memórias...

**Cresci com o foco de
ser Príncipe.**



**Mas na verdade queria
usar roupas de Princesa!**





**Meu medo sempre foi
magoar meus pais...
Sempre tive tudo, então
tentava me encaixar nos
padrões.**

**Porém aquilo, ia me
matando aos poucos...**



Entrando no Casulo

Assim como a borboleta, comecei a fazer meu casulo imaginário, me escondi e entrei em um mundinho somente meu, me isolando das pessoas, pois precisava refletir sobre quem eu era. Na infância os comentários maliciosos sobre a minha voz e como gesticulava, não me afetava, porque só depois de adulto que fui identificar estes gestos. Contudo, logo no Ensino Médio estes modos começaram a me diferenciar da maioria dos outros garotos e muitos deles zombavam da forma como eu me comportava. Na busca por outras referências encontrei na internet outras pessoas com características parecidas as minhas, que, de certa forma, veio como um consolo temporário sobre a minha identidade.

“No Ensino médio veio a depressão e junto a isso a vontade de não existir mais.”

Quando ingressei no curso de Belas Artes na UFMG, desde as primeiras horas dentro da Universidade, a vontade de viver pulsou novamente. Em contraponto, a crítica dos meus gostos pelos professores veio com muita força. Eu não sabia lidar com as críticas, e talvez fosse muito imaturo e despreparado para enfrentar a situação. Engoli o choro e segui adiante. As amizades que fui fazendo ao longo do percurso universitário ajudaram-me a manter firmeza sobre o que desejava fazer e as descobertas sobre quem eu era. Escolher entrar nesse casulo e ten-

tar me conhecer foi a parte mais importante da minha caminhada. Me silenciar e ouvir mais o que o outro tinha a dizer me fez crescer como pessoa e como artista.

“Descobri parte dos meus interesses como artista e a me posicionar e vi que isso influenciava no que produzia.”

A coragem de me manter firme no que queria e conseguir dialogar sobre todas as vertentes dos trabalhos que comecei a realizar, desencadeou no que hoje estou fazendo: criar uma linha de pesquisa que seja coerente comigo e com a minha história e abrir novas possibilidades de pesquisa em arte educação.



A person with long, wavy hair dyed in a rainbow gradient of colors including blue, green, yellow, orange, and red. They are wearing a headband with two large, upright, silver cat ears. Their makeup includes heavy black eye makeup, long black eyelashes, and bright red lipstick. They are posing with one hand near their face. The background is a solid blue wall.

*Quem é
Alice Ink?*

A Alice surge no final do quinto período, onde eu criei um texto na matéria de Ateliê em Licenciatura de Artes Visuais, baseado na temática de “Narrativas de Si” e a partir deste texto crio coragem e participo de um concurso do Facebook promovido por uma Drag Queen de BH para transformação de Drag pela primeira vez por 1 noite.

A Alice se manifestou três vezes e todas elas, tinham pessoas ao meu redor me protegendo de qualquer possível ataque. A infância não me pos-

sibilitou brincar com estes brinquedos, cada ida as lojas onde as prateleiras se dividem até hoje em brinquedos de meninos e meninas, eu não podia passar nem perto das prateleiras de brinquedos ditos para *meninas*, se passasse mais de um minuto observando uma boneca, era abordado por meus pais e muitas vezes até pelos vendedores que a minha seção era do outro lado da loja, se eu estava perdido ou o que estava fazendo olhando aquele brinquedo.

A necessidade de performatizar o feminino que sempre tive interesse

de manifestar na infância gera a Alice. Isso me torna um homem de maquiagem, vestidos, adereços e frufu. Foi uma das maiores libertações da minha vida assumir estes objetos, pois é como voltasse a Ser criança.



Selfie Parada Gay 2018



Texto usado para a aula e adaptado para o concurso

“É tão difícil parar e pensar como foi que tudo começou... Acho que ela sempre existiu comigo, só ca-bia a mim defini-la. Na infância sempre fui diferente dos outros

garotos da minha ida-de, minha mãe sempre me indagava porque tinha fascinação por personagens femini-no. As transformações que as princesas pas-savam me encantava, era único cada passa-gem de pequena ga-rota para mulher! A questão de gênero para mim é algo bastante recente, entrar na uni-versidade me ajudou a enxergar outros mun-dos. Ainda não sei no que me encaixar, mas há cerca de dois anos tenho vontade que a Alice Ink apareça para o mundo. No país das maravilhas quem faz o mundo é você, cada

toque e cada sensa-ção é única. A magia sempre existiu cabe a nós querermos enxer-gá-la. Quando desco-bri o que era ser uma Drag Queen um leque de possibilidades me moveram a fomen-tar tal transformação. Ainda resta a insegu-rança de fazer tal salto, espero que eu possa torná-lo possível com pessoas como você ao meu lado, é gratifican-te saber que existem pessoas que tem essa preocupação em dar segurança para outras pessoas em um mo-mento tão importante. Há 7 anos eu venho lidando com a Narco-

leptia, e de certa forma eu penso eu buscar minha segurança, autoestima, responsabilidade, em me montar, o mundo dos doces sonhos e pesadelos, precisam ganhar forma, há uma voz que pulsa e grita dentro de mim, as cores que tenho precisam ser consumidas e ocupar o todos os cantos, penso ser futuramente maquiador artístico e criador de personagens, e através da arte de se montar penso que essas infinitas faces apareçam com o tempo, espero que essa noite seja inesquecível, que eu possa

espantar todos os fantasmas que me assombram e eu possa sair do casulo e que consiga abrir minhas asas para alçar novos voos.”

16 de abril de 2017



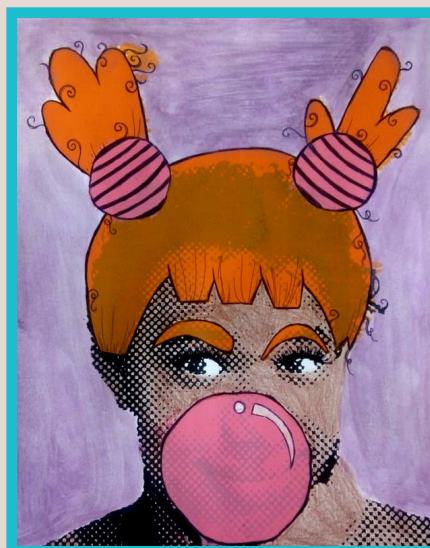
Outros de mim...

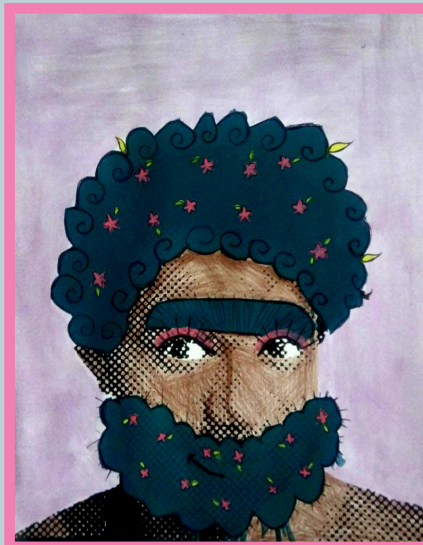
Serigrafia/Molde Vazado, Lápis de cor e Caneta Preta

Trabalhos executados no Ateliê de Serigrafia, onde pensei a possibilidade dos meus vários Eus estarem presentes em outros formatos de Arte além

**“Deixe eu Brincar de Ser Feliz,
deixe Eu pintar o meu nariz.”**

Los Hermanos





Nas próximas páginas mostrarei referências que tenho na Arte de se montar, pessoas que assim como eu vivem na pele de uma outra personagem criada por el@s. Também são artistas de BH, que movimentam a Arte popular e do circuito de cultural da cidade. São el@s: Domingos Mazzilli, Isabelle Gee, Leona Souki e Sarah Nicks.

Domingos Mazzilli

Domingos Mazzilli é uma das minhas referências “formais” que está no circuito da Arte. Ele é um artista mineiro, e um dos seus trabalhos que me chama atenção são as Mulheres que ele encorpora a cada exposição que ele monta. Eu tive a oportunidade conversar um pouco com ele no Facebook e me motivou muito a continuar com meu projeto.

Conversa no dia 23/03/2017 às 20:10

Eu: *“Mazzilli, fico muito feliz por te adicionar no Facebook. Eu visitei sua exposição no Palácio das Artes há um tempo atrás. E me motivou muito em ver um de suas personagens presente na sua exposição.”*

“Estou em transição em tomar coragem em montar personagens. E foi de fundamental importância ter você como referencial artístico que faz essa abordagem.”

Mazzilli: *“Oi David, que ótimo Isto que está me dizendo. Era a curadora Susan, a Nossa Senhora das Dores ou a freira, Irmã Dulce.”*

“Que responsabilidade minha! Vai fundo. Seja outros. A Madonna, Lady Gaga, ELKE, Duchamp e Warhol foram outros, nós tb poderemos ser!”

“Já vou meu álbum no facebook GALERIA DE MULHERES e Eu é out@s? Tem 2 teaser no YouTube tb. Mazzilli teaser.”

Eu: *“O seu álbum eu vi hoje a tarde. Mas o teaser no Youtube ainda não vi. Vou dar uma olhada.”*

Mazzilli: *“É Bem rapidinho. Fiz 34 mulheres e um extraterrestre Ainda inédito. Mais de 10 mil fotos. Cada ensaio 8h. 4 de cabelo e maquiagem e 4 de fotografia.”*

Eu: *“Penso que deve ser uma jornada difícil para iniciar. Mas em ter referência de pessoas mais fortes, motiva caminhada.”*

Mazzilli: *“Boa sorte! Boa maquiagem é tudo. Lembre-se que Deus mora nos detalhes. Pense e anote absolutamente tudo o que for precisar no ensaio. Uma cola de unha esquecida ou um alfinete podem fazer toda a diferença. Pesquise se for fazer o personagens reais. Bjs!”*



Loulou



Marlene



Frida



Petrina



*A curadora
Susan*

Fotos disponíveis na Pasta Galeria das Mulheres de Mazzilli no Facebook: https://www.facebook.com/mazzilli.mazzilli/media_set?set=a.1062527497098454&type=3



Isa é a minha Mãe Drag Queen, desde 2017 quando participei do concurso Drag Queen por 1 noite, ela me amadrinou e com isso ganhei uma família de Drag Queens. Isso é bem comum entre aqueles que desempenham-se na arte de ser montar!

Isabelle Gee

Eu: “Nome e Idade?”

Ela: “Isabelle Gee, 29 anos (Thiago Pezzini - 4 anos de montagem).”

Eu: “Quem é Isabelle Gee?”

Ela: “Drag Queen, DJ. Super carismática, simpática, cheirosa e bonita (kkkk). Um pouco doida, confesso. Com 2m de altura, não tem como não ser notada por onde passa.”

Eu: “Como foram suas brincadeiras de criança?”

Ela: “Na escola, era bastante julgada por apenas brincar com as meninas. Jogava queimada, brincava de Barbie... Mas também amava fazer trilha de bicicleta, brincar de fazer ‘show’, subir em árvores, jogar Bets...”

Eu: “Como é Ser Drag Queen?”

Ela: “É MARAVILHOSO. É sobre você ser alguém completamente diferente do que é desmontado. É ser sem amarras, colocar pra for a tudo que sonha e deseja ser. É brincar de ser outra pessoa.”

Eu: “*Você se considera artista?*”

Ela: “*Claro, atriz! É sobre você ser outra pessoa e encenar isso até o final.*”

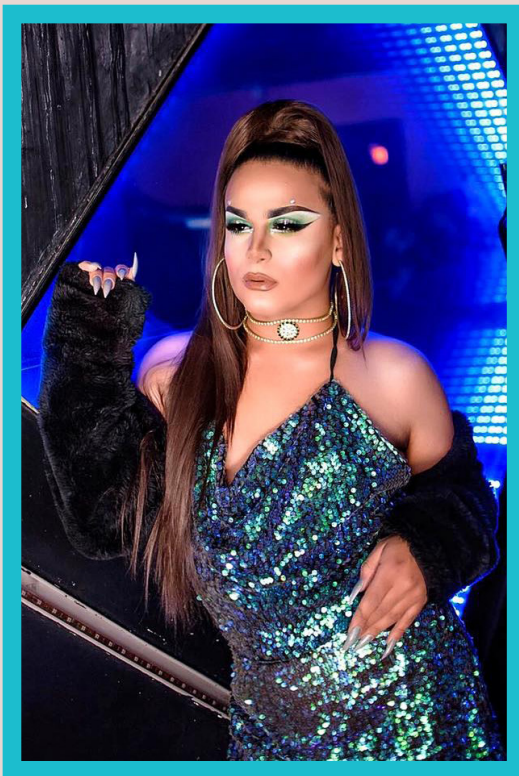
Eu: “*Deixe uma pequena mensagem para as pessoas.*”

Ela: “*Sonhe, corre atrás e seja sempre você mesmo.*”



Fotos disponives no álbum do Facebook :https://www.facebook.com/isabellegeeee/photos_all?sk=wall&lst=100001360168583%3A100004513937766%3A1542058994





Leona é minha Tia Drag Queen. Também é uma das minha referências artísticas como maquiadora e performance.

Leona Souki

Eu: “Nome e Idade?”

Ela: “Leona Souki 21anos.”

Eu: “Quem é Leona Souki?”

Ela: “Leona Souki é uma trans drag queen”

Eu: “Como foram suas brincadeiras de criança?”

Ela: “Eu brincava de tudo um pouco sabe, tantos brincadeira ditas de menino quantos as de meninas, mas as bonecas sempre me enchiam mais os olhos rs”

Eu: “Como é Ser Drag Queen?”

Ela: “É maravilhoso, poder ser varias pessoas em 1 só, poder criar minha persona do jeito que eu quiser, e ainda usar da minha drag pra colocar em pauta de discussões sobre gênero e sexo também!”

Eu: “Você se considera que tipo de artista?”

Ela: “Eu não acho que existe tipo de artista definido! Existem os seguimentos né, como atuação, canto e etc.... eu acho que ser artista e ter sensibilidade pra poder se entregar

e colocar verdade naquilo que vc faz, e ter empatia pelos demais podendo compreendê-los e assim usando esse conhecimento como material de trabalho também!”

Eu: “Deixe uma pequena mensagem para as pessoas.”

Ela: “Bom eu desejo que drag seja cada vez mais um segmento artístico popular, que possamos assim quebrar cada vez mais barreiras e preconceitos relacionados a arte, sexo e gênero!”



Fotos disponives no álbum do Facebook : https://www.facebook.com/leona.souki/photos_all?sk=wall&lst=100001360168583%3A100006192494746%3A1542035985



Sarah também é minha Tia Drag Queen. Ela é uma pessoa super fofa, que demonstra um gesto de proteção muito grande pelas pessoas que estão próximas a ela.

Sarah Nicks

Eu: *“Nome e Idade?”*

Ela: *“Sarah Nicks
(Israel Assis) -
23 anos”*

Eu: *“Quem é Sarah Nicks?”*

Ela: *“Sarah é uma senhora, de cerca de 40 anos. Com gosto relativamente duvidoso e uma maquiagem bem carregada, para esconder o tanto de plástico que já fez.”*

Eu: *“Como foram suas brincadeiras de infância?”*

Ela: *“Minhas brincadeiras de infância, em grupo eram bem normais. Contudo, quando estava sozinho em casa, meu passatempo favorito era ficar mexendo nas maquiagens da minha mãe, experimentando seus vestidos e sapatos.”*

Eu: *“Como é Ser Drag Queen?”*

Ela: *“Ser Drag, a meu ver, é a minha chance de devolver um pouco do amor que recebi da comunidade LGBT. Não imaginava a onda de amor que viria junto com assumir minha sexualidade.”*

Eu: “Você se considera que tipo de artista?”

Ela: “Me considero um artista de performance, no sentido lato. Afinal, não acho que eu precise de um palco, ou multidão para entreter.”

Eu: “Deixe uma pequena mensagem para as pessoas.”

Ela: “RESISTAM!”



Fotos dis. no álbum do Facebook : <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012778179104&lst=100001360168583%3A100012778179104%3A1542298854&sk=photos>



GTD

Brincando de Ser

Durante o ano de 2018 lecionei durante 2 semestres como voluntário no Centro Pedagógico da UFMG um GTD - Grupo De Trabalho Diferenciado, onde os estudantes das licenciaturas tem oportunidade de criarem um projeto de aula e colocarem em prática para os alunos do CP, sob a orientação de um professor. Criei um projeto intitulado **Brincando de Ser**, inspirado no livro de literatura

infantil: “O menino que Brincava de Ser” com intuito de levar, através das Artes Visuais, formas sutis de dar vazão a fantasia de cada criança, a partir da plasticidade dos objetos e do desenvolvimento de atividades de criação.

A pesquisa que fiz para preparar as aulas foi muito reveladora das questões de gênero que estão presentes no mundo, e uma simples pesquisa na internet nos apresenta muitas questões. O primeiro problema desta pesquisa foi lidar com as barreiras linguísticas do Português.

As palavras que se referem ao sexo masculino e feminino é muito marcadas e estereotipadas, o que dificultou a pesquisa de profissões por palavras-chaves, como por exemplo encontrar um correspondente feminino para a profissão de mágico. Qual seria? Bruxa ? Maga? Não, não havia correspondência. A palavra no feminino significa outra coisa, não correspondente a palavra no masculino. Quando temos o intuito de falar de um grupo de pessoas que executa um certo tipo de atividade, sempre utilizamos o termo

no masculino, mesmo que esse grupo contenha um número significativo de mulheres. Isso sem mencionar as pessoas que não se sentem contempladas dentro de nenhuma das duas categorias. Outros problemas semânticos aparecerem neste momento em que preparava a primeira atividade do GTD: falar sobre profissões. As crianças iam desenhar as profissões mencionadas e a partir disto iam analisar seus desenhos, a saber se dentre os desenhos haveriam mais homens ou mulheres representados aquelas de-

terminadas profissões.

Mas como fazer isso sem impor o sexo da profissão executada?

Se eu falasse **médico**, as crianças ia acabar desenhando um homem. Como manter a neutralidade? Seria possível? Poderia usar o gênero neutro como: @ ou X.

Se assim fizesse acabaria por revelar o meu propósito a ser averiguado, além de ser uma linguagem difícil e não comum à crianças. O objetivo era mostrar para as crianças a possibilidade delas desenha-

rem algo o que fosse o primeiro impulso para representar a profissão. Resolvi fazer um jogo de palavras e usar as seguintes frases:

Qual a profissão que apaga incêndios?

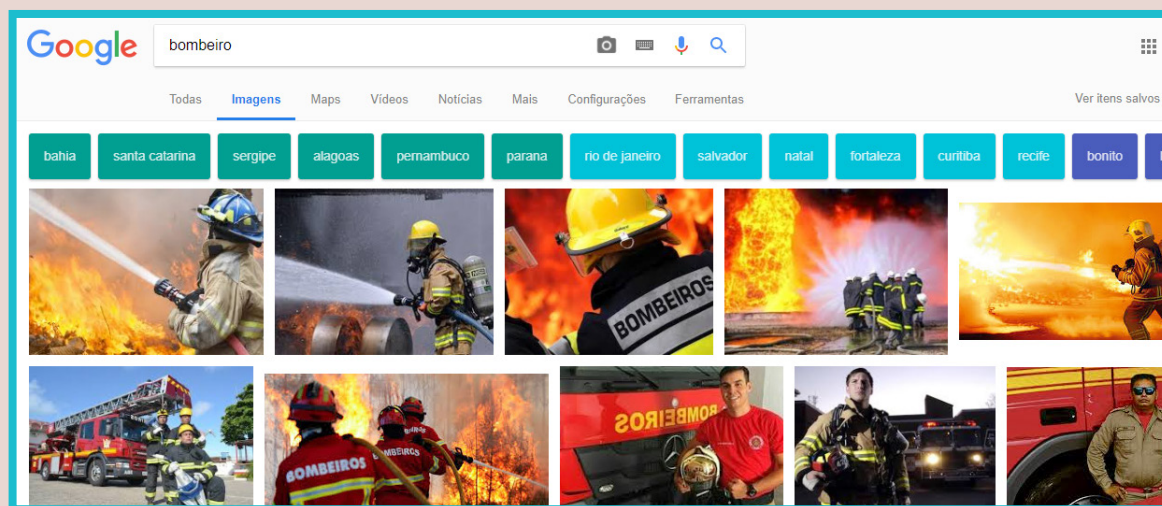
Qual a profissão que cuida dos animais ?

Qual a profissão que maquia as pessoas?

A partir destas frases consegui desenvolver uma série de outras estratégias. Ainda na preparação das atividades, eu tive que imprimir imagens para mostrar homens e mulheres executando a mesma profissão. A

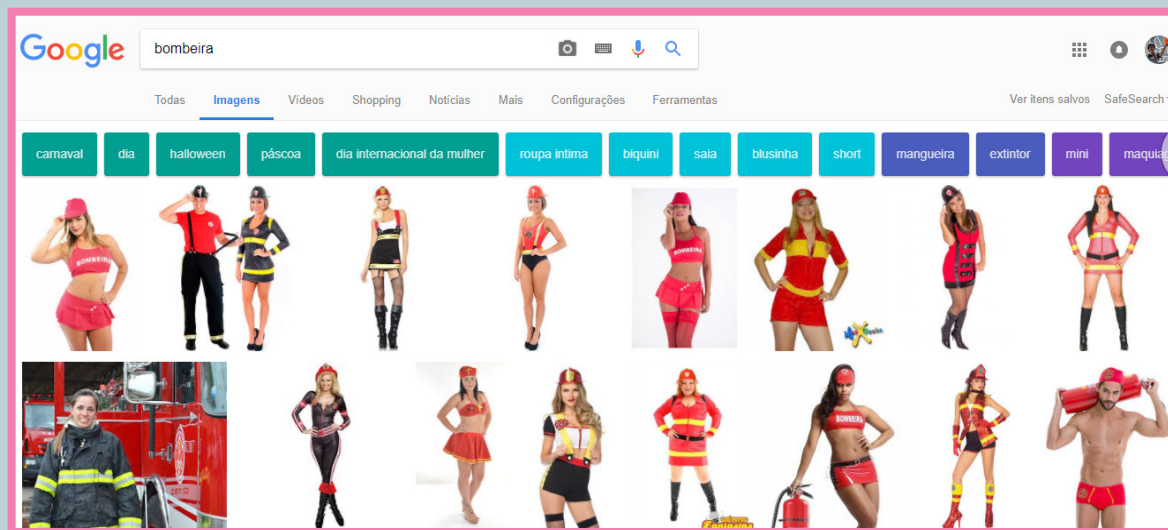
pesquisa me deixou bastante triste, pois era muito difícil achar um leque de imagens de mulheres executando a mesma profissão e algumas destas profissões que são consideradas mais delicadas foi mais comum encontrar mulheres. Não que não houvessem mulheres naquelas profissões, mas sim que elas eram representadas de modo subalterno, pejorativo ou de cunho sexual, como a palavra BOMBEIRO no gênero feminino, associada a uma fantasia sexual e não a uma mulher que resgata pessoas e apaga fogo. A pesquisa prévia foi bastante reveladora de como a nossa língua também merecem um profundo estudo do gênero.

Quando pesquisei Bombeiro apareceu essas imagens:



Imagens feitas dia 27/03/2018

Já quando pesquisei Bombeira apareceu essas imagens:



Dado início ao GTD, os encontros eram semanais, com duração de 1 hora e 20 minutos e aconteciam na própria sala de aula das crianças. O espaço apresenta qualidades e problemas: a sala é pequena e pensada para ter cadeiras e mesas que ocupe todo o espaço. Os materiais de artes visuais,

ficam em outro lugar, assim, tinham que ser transportados de uma sala a outra, muitas vezes até levar todo o necessário. Trabalhei com a autorepresentatividade a partir da oferta de atividades práticas e contemplativas para as crianças de 7 e 8 anos. Elas experimentaram brincar de ser em di-

versas profissões: Cozinheiro, super herói, estilista... Sabemos que as crianças observam os adultos e transformam seus hábitos e trabalhos em brincadeiras. O jogo de brincar de faz de conta é o momento em que a criança cresce.

“Todas as crianças brincam com os sapatos dos pais. Para serem “eles”. Para ficarem mais altos. E também, simplesmente, para serem “outros”. A brincadeira de se fantasiar, à parte sua importância simbólica, é sempre divertida, dadas os efeitos histriônicos que provoca. É o teatro: vestir roupas diferentes, imaginar um lugar, uma vida, descobrir novos gestos. Pena que, em geral, só no carnaval é permitido às crianças o uso de máscaras, mortalhas e fantasias. Deveria existir nas casas um cesto de roupas velhas à disposição das crianças, para que

elas se fantasiassem.” (RODARI, 1973, pág.25)

Dentre essas atitudes vemos que brincar de casinha e boneca, na grande maioria mostra um ato de cuidar, já com outros brinquedos como carrinhos ou bola gera um impulso de explorar o mundo e o uso corpo de uma forma mais energética. Se é a partir das brincadeiras que as crianças exploram e conhecem o mundo, porque não oferecê-las um leque de possibilidades em brincar?

Em cada aula os alunos eram conduzidos

a brincarem de uma profissão diferente, mas ocorreu com frequência dentre minhas aulas, eles manifestaram interesse de estarem livres para correrem e praticar outra coisa que não aquela oferecida na aula.

Durante as aulas eu fui cedendo e abrindo possibilidade deles manifestarem o seu **ser criança** e foi difícil, porque muitas vezes as aulas eram caóticas. Assistimos filmes, lemos livros, fizeram desenhos, esculturas, gravuras, representações teatrais em jogos pelos quais

puderam manifestar-se livremente. Aprendi muito com a vontade das crianças. Foram oferecidas as seguintes propostas:

- Brincar de Agente
Secreto
- Brincar de Descobrir as Profissões
- Brincar de Cozinhar
- Gender Bender –
Invertendo o sexo dos personagens
- Assistir o Filme
Mulan
- Circo Mix – Mistura de corpos
alienígenas
- Criar alienígenas com colagem de recortes de
Revistas
- Criar um boneco de pregador de roupas
- Brincar de Jardinagem
- Brincar de Ser
Estilista
- Brincar de Ser Artista
- Brincar de Ser
Maquiador

Descobrimos Profissões

Qual profissão viaja para o espaço?



Rosa Brilhante - 7 anos

Qual profissão dança Ballet?



Poli - 7 anos

Qual profissão joga Futebol?



BUSI - 7 anos

Qual profissão Mergulha nos mares?



Panda - 7 anos

Imagens que levei...



Estes foram os exemplos mais interessantes que percebi na aula, pois dentre os desenhos alguns deles se encaixou no estereótipo de profissão, já outros saíram fora do padrão.



Brincando de Cozinhar

A aula iniciou com uma preposição de virar todas as mesas de cabeça para baixo, para simularmos uma casinha, mas os próprios alunos foram irônicos e falaram que não viam casinha no que eles tinham executado. O uso da imaginação é muito irrestrito em alguns momentos quando não se tem confiança em quem lhes propõe uma brincadeira. Dentro deste agrupamento de mesas, conversamos sobre quem cozinha na casa de cada um, se eles ajudam os pais e mães dentro de suas atividades culinárias. E a partir desta conversa lhes propus a serem Chefes de cozinha igual no Reality Show “MasterChef”. Ao começarmos a brincar de cozinhar, resgatamos um primórdio da brincadeira de “casinha”, “comidinha”. Primeiramente para começarem a brincar de serem grandes mestres da culinária, organizamos as mesas espalhadas na sala sem cadeira, o objetivo era ficarem em pé para executarem sua culinária artística. Logo após untei a mesa de cada um com vaselina, pois o material que usaram para execução de seus trabalhos era a massa de biscuit e devido ter cola em seu componente, essa união permitia a massa deslizar sobre a mesa sem que agarrasse sobre ela. Foi fornecido massa nas cores primárias e também nas cores branco e preto. Eles nunca tinham acessa-

do esse material antes, e eles ficaram bem felizes em manusear, pois além de ser um material colorido, macio e de fácil modelagem, ele assemelha a massinha de modelar tradicional, mas diferentemente dela, o Biscuit seca, transformando os objetos confeccionados em reais brinquedos. Intercalei no auxílio das atividades das alunas e alunos junto com a estagiária Vitória Morão, onde era fornecido para os alunos óleo e suporte das estruturas de seus trabalhos ao longo da aula. Assim que as crianças terminavam de criar o seu prato, colocavam dentro de um prato de plástico usado em festas de aniversário. Passei em mesa por mesa, observando o trabalho, elogiando a produção dos alunos e fingindo que estava comendo cada prato. Ter essa performance em fingir que estava comendo, trouxe um estímulo e boas risadas dos alunos.



Gender Bender

Usei o projetor para mostrar referências de imagens de Heróis, Vilões, Princesas e Príncipes onde seus papéis de gênero são invertidos. O foco da aula foi conversa e projeção de imagens. Fiquei bem feliz com o resultado dela, pois é uma aula que é totalmente verbal e imagética. Isso exige uma concentração coletiva das alunas e alunos, e fui surpreendido no empenho de todas e todos para com a aula. Gender Bender é um termo usado nas mídias atuais, onde personagens de gênero feminino e masculino, assumem corpos do gênero oposto, recriando sua história a partir daquela nova forma. O intuito da aula era mostrar para as crianças a possibilidade delas serem qualquer personagem de ficção, independente do gênero que eles tem. Assumir a forma de personagens do mesmo sexo ou não do que o seu, independente da roupa que este personagem veste, o que importa é conservar a essência desta figura, valorizando a sua história de vida, habilidades e objetos iconográficos que os compõe. Iniciei a aula com um vídeo da versão masculina da Elsa do Filme Frozen – Uma Aventura Congelante. Onde as características que prevalecem nela, é o poder de controlar a Neve e a partir dela fazer construções de gelo, mudar seu figurino a partir deste elemento

e até a possibilidade de criar novos seres a partir da neve. Neste o protagonista que agora assume uma forma masculina, canta a famosa trilha sonora do filme “Livre Estou”. As crianças tiveram reações momentâneas que permeavam entre o estranhamento, o encanto e risadas. Elas chegaram a comentar sobre a atitude de movimentos corporais do personagem, mas também acharam um máximo ser a mesma pessoa em uma figura masculina, mobilizando assim, outros meninos a quererem ser aquele personagem.



Vídeo Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=HRLU0nqRFq0>

“Nossa eu sou Ele”

Super Man - 7 anos

**“Olha como eu ele
joga o cabelo”**

Margarida - 7 anos

“Que estranho...”

Estrela - 7 anos

Passei o vídeo de uma criança Youtuber chamada LIV, onde ela fala sobre Brinquedos. Nele ela mostra os brinquedos que ela tem, que vai de carrinhos à bonecas, ela questiona o porque as pessoas proíbem meninas e meninos brincar com os mesmos objetos, pois brinquedos são apenas brinquedos. Questiona também o fato de quando joga vídeo game, o porquê dos protagonistas masculinos sempre são mais fortes, e na sua grande maioria assumindo papéis de salvar as personagens secundárias femininas



Vídeo Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=qVxZe0BRP1Q>

Após isso foi mostrado para elas imagens de diversos personagens famosos na mídia, como Homem de Ferro, Thor, Princesas Disney, entre outros super heróis e personagens que elas costumam a ver com frequência na internet, televisão, cinema e objetos de consumo. Mas da mesma forma

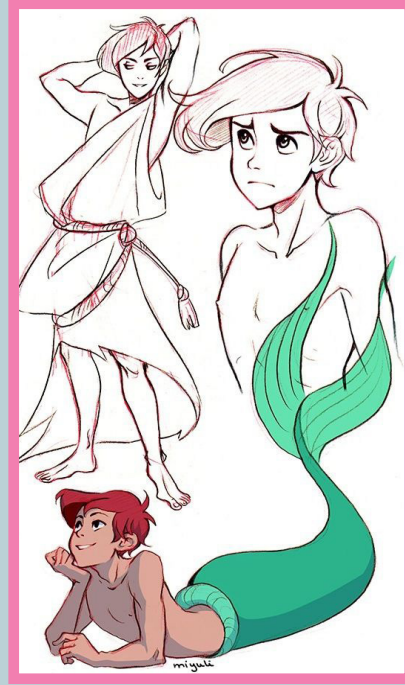
que ocorreu com a personagem de Elsa do Filme Frozen, com estes não foi diferente. As personagens mantiveram a sua essência, mas trocaram seus gêneros, tornando outras pessoas. Os personagens masculinos foram substituídos por figuras femininas e vice e versa, mas a sua história e

essência foram mantidas, transformando aquela trajetória em uma nova história a ser explorada e pensada como aquela personagem está inserida em um determinado mundo. Ao visualizar as imagens, as crianças gostavam de algumas e outras não. Apresentaram estranhamento com algumas, falando “credo, personagem X ou Y, era muito melhor da outra forma”. Fui conversando com elas sobre o repúdio de algumas imagens e buscando saber o porquê que elas não gostavam daquela aparência,



Artista: rollingrabbbit

com isso fui dialogando se elas não conhecessem aquelas figuras com uma imagem anterior e vessem estas pela primeira vez, eles achariam normal aquela imagem e com isso elas foram entendendo sobre



Artista: miyuliart.tumblr.com

esses papéis da fantasia que se invertem. A partir disto ficaram muito empolgadas com personagens que conhecem e veem no sexo oposto, principalmente as meninas.



Artista: Razzi Perma

“Nossa você estragou meu desenho favorito!”

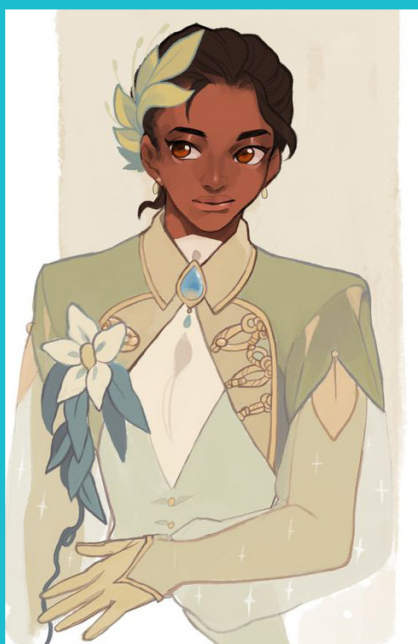
Atirador - 8 anos



Artista: não encontrado

“Ah que fofinho, assim ta legal!”

Atirador - 8 anos



Artista: MiyuxTheNobody

“Que legal! Eu virei Homem!”

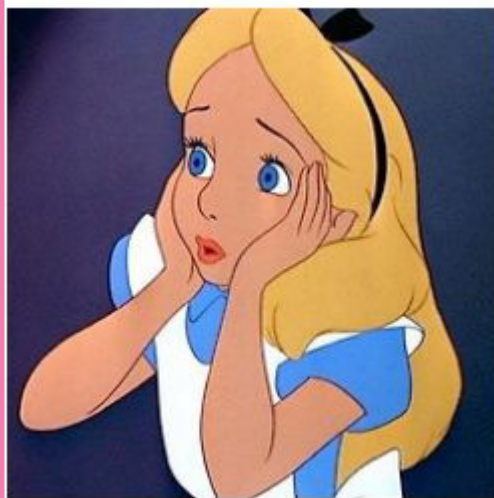
Poli - 7 anos



Artista: @dorodraws

**“Que feia essa Fera, eu ia pegar
o vestido dela e sair andando
por aí!”**

Conde Drácula - 7 anos



Artista: letherebedoodles

Momento Leitura

Neste dia fiz a leitura para eles do livro “Um menino meio assim” – Rosângela Trajano, nele mostra a história de um garoto na faixa próxima aos 7 anos de idade e no seu dia a dia gosta de brincar de coisas de menina ditas pelo mundo capitalista dos brinquedos. Devido ele encarar suas brincadeiras apenas como forma de experimentar a vida através de suas plasticidades é visto por seus pais como um defeito, tanto pai quanto mãe repreendem

o filho por ele brincar com o que gosta. Após terminar a leitura do livro, um aluno e uma aluna comentou:

“O meu pai nem sonha que a minha cor preferida é rosa e eu gosto de Unicórnios, ele já me bateu por brincar com os brinquedos da minha irmã”

Super Man - 7 anos

“Qual o problema de meninos brincarem de Boneca? Uma vez o meu pai brincou comigo e depois eu maquiei ele.”

Margarida - 7 anos

A partir destes relatos eu pude ver outras histórias que se repetiam assim como a minha de crianças que desejavam manifestar o seus brincarés além do que lhes são oferecido.

Brincar de Maquiar

**No dia que ocorreu esta aula fiquei bastante satisfeito com o resultado dos trabalhos das alunas e alunos, devido questões de privacidade da imagem fotografadas deles, não vou conseguir postar as fotos deste dia.*



Cheguei neste dia em sala de aula maquiado de Tigre Branco, e de imediato ouve uma grande eufória das crianças em me ver caracterizado desta forma. Levei maquiagem artistica, mais conhecida como maquiagem de palhaço para eles no dia. As crianças se dividiram em duplas e com isso eu fornecia a cor que cada um queria por vez, após o momento do uso de uma cor, eu lhes ensinava a “Selar” a maquiagem com pó compacto, dando a possibilidade de usarem uma nova cor, sem que a anterior borrasse, foram bastante criativos

e não se conteram em esnobar das cores e formas. Após cada a finalização dos trabalhos ficaram correndo pela escola, mostrando para os colegas de outras turmas os seus rostos pintados e juntamente a isso começaram a criar personagens e personalidades a partir da nova face que encorporavam.



Um dos alunos teve que fazer dupla com a Monitora Vitória Mourão, que me acompanhou em todo GTD, e com isso é o único trabalho que consigo mostrar desta aula.

Super Man - 7 anos



Brincando com o Circo

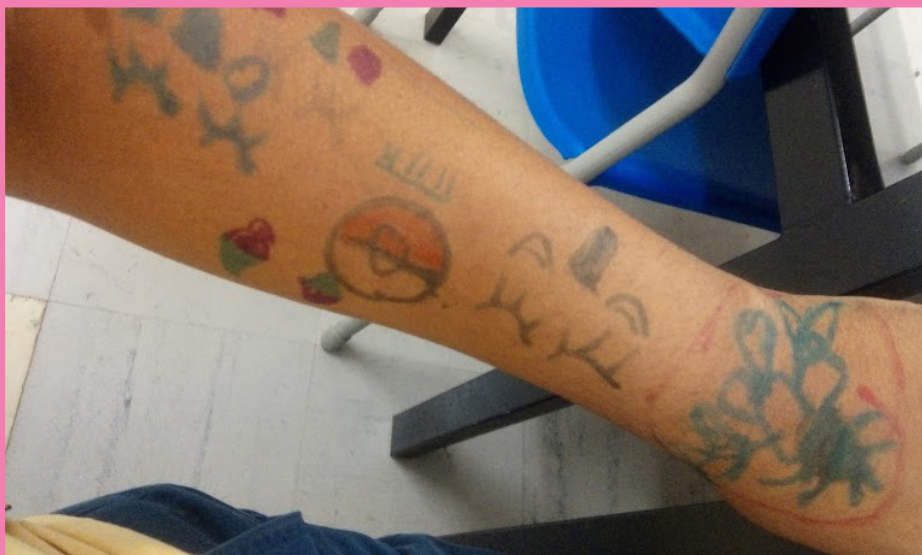
Na minha infância minha mãe me apoiou em colecionar uma edição da Revista Recreio que se chamava “Circo Mix”. Nela continha 26 personagens extraterrestres e precisavam se disfarçar para não terem sua identidade descoberta aqui na Terra, cada um deles assumiu aparência e forma de uma pessoa ou animal de um país diferente. E com isso eles faziam tour pelo mundo em sua tenda/nave espacial, com um show circense, mas na real eles estavam tentando descobrir uma forma de voltarem de onde vieram. Mas suas identidades não duravam muito tempo, pois ao longo dos dias acontecia uma “transmutação” entre eles, o corpo de um personagem se mesclava com o corpo de outro com frequência, assim personagens

assumiam corpos do gênero oposto ou até formas animais. Além da história destes personagens em Gibi, também tinha cada um deles em forma física como brinquedos que se desmembravam em três partes, sendo assim podendo “transmutar” os personagens de acordo com seu desejo. Essa coleção ocorreu em meados de 2004 e 2005 e eu os tenho conservados até hoje. Com isso eu levei estes brinquedos para que os alunos conhecessem e eles adoraram brincar com estes personagens, simularam casamentos, fizeram amizades e desavenças entre os personagens, criaram narrativas que se transformavam de acordo com as novas combinações que estes bonecos recebiam.



Imagem disponível: <http://3.bp.blogspot.com/-mCg5PmSQAQU/UHYQhjDACgI/AAAAAAAAADgs/fjhMB2PUUiw/s1600/publi2.jpg>

Fotos GTD



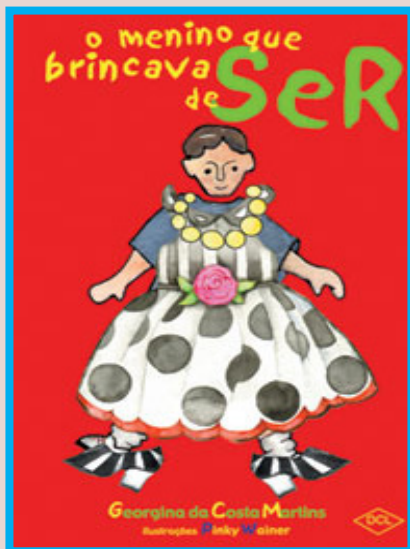




Literatura Infantil

Para alimentar minha pesquisa no TCC onde desde o início fui motivado para pensar o gênero na infância, pesquisei literaturas infantis que lidavam com o assunto de uma forma leve e esclarecida, e fosse possível levar para as crianças estas obras literárias.

Imagem disponível: <https://discutiindogeneroesexualidade.files.wordpress.com/2015/05/o-menino-q-brincava-de-ser.jpg?w=1400>

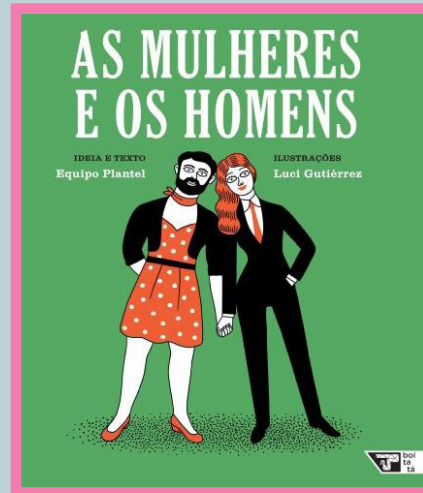


O MENINO QUE BRINCAVA DE SER
Georgina da Costa Martins -
Editora DCL, 2008

SINOPSE

Dudu, um garoto de seis anos, adorava brincar de ser. De ser fada, princesa e principalmente bruxa. Seus pais ficam preocupados com a situação. Querem descobrir se há como alterar o comportamento do filho, que consideram anormal. Mas o menino conta com o afeto de sua avó. Isso o ajuda a não se intimidar perante os obstáculos. Quer continuar a ter o direito de brincar de ser e de sonhar. Esse livro permite a discussão de temas delicados, como o preconceito e a intolerância, e retrata as consequências que a falta de diálogo pode causar à vida familiar.

Texto Disponível: <https://www.skoob.com.br/o-menino-que-brincava-de-ser-26820ed29164.html>



COMENTÁRIOS

Esse livro mexeu muito comigo, pois as questões trazidas nele se refletem diretamente na minha infância e reverberam sobre quem eu era no início de 2018. O livro apresenta soluções para lidar de forma leve com o comportamento do Dudu, me levando a refletir que nem sempre temos as respostas no tempo que queremos. Devido a todos os cenários e situações que este livro me trouxe, a leitura etimulou-me a criar o GTD baseado nesta história.

AS MULHERES E OS HOMENS
LuciGutiérrez-BOITEMPOEditorial, 2016

SINOPSE

Nesse contexto, como as crianças estão sendo educadas e o que significa, para elas, ser homem ou mulher? O desafio da ilustradora espanhola Luci Gutiérrez foi criar uma série de desenhos que atualizasse o debate sobre gênero e o tornasse acessível ao universo infantil.

Texto Disponível em: <https://www.travessa.com.br/as-mulheres-e-os-homens/artigo/ff11e62d-1be0-4074-8700-26d400222bdf>

COMENTÁRIOS

Fiquei bastante surpreso com a linguagem direta que esse livro traz, pois é usado pouco texto e as de imagens são francas e muito forte. Tanto que me incomodou bastante e me fez refletir sobre ainda todo o processo de machismo que preciso desconstruir perante a mim mesmo e como ele é tóxico no meio em que convivo. As crianças também ficaram bastante emotivas e surpresas com o que o livro trazia, pois muitas das cenas abordadas refletiam diretamente em seus lares, e tais situações mostravam o quanto não gostavam que isso acontecesse.



Imagem disponível: <https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2016/02/imagem-para-ilustrar-release.jpg>



UM MENINO MEIO ASSIM
2015 - Rosângela Trajano -
Metanoia Editora

SINOPSE

Em algum lugar do mundo, há um menino com um jeito meio assim, meio delicado demais para ser um menino desses que se dizem “macho” de verdade. Ele gostava de brincar com bonecas, de se maquiar, tinha uma voz fina e medo de bichos que só meninas têm. Mas, para mim isso não quer dizer nada,

só que para os outros ele tinha um jeito meio assim, meio menos menino do que os outros. Era um amor de pessoa, dessas que a gente gosta logo que conhecemos. As suas mãos macias ao brincarem com os cabelos das amigas da mamãe diziam dele ser um menino meio assim, meio mais feliz do que quem é completo.

Texto disponível: <https://www.saraiva.com.br/um-menino-meio-assis-col-criancas-diversas-vol-3-8732442.html>

COMENTÁRIOS

É um livro muito simples, que pode ser lido em 10 minutos, e acessível para crianças de todas as idades. Ele é bastante objetivo nas brincadeiras do protagonista e como seus pais lidam com as suas escolhas do filho. É um ótimo livro para refletir sobre o que é brincar e como devemos nos comportar perante os desejos das crianças.

Falando de Gênero...

Qual o problema?

Sabemos que atualmente está em discussão no Brasil a ideia de Ideologia de gênero, como forma de censurar a escola em discussões ligadas a sexualidade. Estes grupos estão disponibilizando cartilhas, gravando vídeos que difundem nas redes sociais discursos da Ideologia de Gênero que eles criaram.

Diferente do que estes grupos falam, os estudos sobre gênero tem finalidade de pontuar a desigualdade que homens e mulheres tem dentro da sociedade. Estudam também a quebra dos padrões comportamentais para cada sexo e como isso ocorre na sociedade de hoje.

“A heteronormatividade consiste na compreensão de que a heterossexualidade é a única forma “normal”, “correta”, “saudável” e “desejável” de se viver a sexualidade, de forma que tudo que dela se difira passa a ser considerado como “desviante”, “anormal” e “anti-natural” (LOURO, 2009, pág. 85-93)

Hoje sabemos que a performatividade do feminino e do masculino é totalmente mutável em cada sociedade. Tal como nos diz Pires.

“... o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de uma única forma, mostrando,

de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada. Essa forma de referir-se à mulher pode ser vista principalmente na representação visual das mães, pois elas são talhadas como exemplos de proteção, carinho e ternura. Comumente é associada a imagens femininas uma idéia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade. . . . (PIRES, 2009, p.168).”

É um assunto delicado conversar sobre gênero e casa, porque precisamos da escuta dos nossos pais. Penso que o melhor caminho penso que seja através do diálogo, mas nem sempre ele é possível. Muitas famílias têm medo de que seu filho/filha não seja um sujeito social padrão heteronormativo. Ainda tenho pouco domínio sobre o assunto, mas devido as minhas escolhas políticas, e apresentadas nos meus trabalhos de Arte, será fundamental no meu percurso como Arte Educador, me preparar para os possíveis embates que haverão na escola.

Considerações Finais

*“Eu prefiro ser
Essa metamorfose
ambulante
Do que ter aquela
velha opinião
Formada sobre tudo”
Raul Seixas*

Dúvidas, lágrimas, descobertas, certezas, coragem e sorrisos. Esse foi meu percurso durante esses quatro anos e meio na graduação de Licenciatura em Artes Visuais. Foi uma transformação completa nesse tempo, com várias fases que refletiram nas minhas produ-

ções e nos meus relacionamentos pessoais e interpessoais. A Alice Ink nasceu e juntamente com ela, sigo e aprendo como mostrar ela ao mundo. Cada vez mais será preciso ler sobre gênero e sexualidade e como discuti-lo com os diversos públicos através das Artes. Ainda não consegui levar minha Drag Queen para a sala de aula, mas é um desejo que tenho, e que durante o percurso fui ganhando confiança em trabalhar assun-

tos de gênero de forma mais naturalizada. Foi um ano lecionando e isso me preparou melhor para assumir uma sala de aula como professor e arte educador. Percebi que é possível aprender muito com as crianças e nem sempre o que ofertamos é o que elas querem, e que no diálogo seria possível fazer um equilíbrio entre o que eu ofertei e o que elas gostariam de fazer. O próximo passo será levar essa pesquisa a todos os meus ami-

gos , colegas de curso e professores, para juntos melhoramos os projetos de pesquisa e com isso construir materiais didáticos com base nesse tema, e cada vez mais, quebrar Tabus e maus entendidos que ocorrem com tanta frequência. Que eu possa levar arte de encantar e aprender com as pessoas e juntos possamos construir um mundo onde todas e todos possam ser quem são, sem amarras e medos. Que a **ARTE** possa chegar por onde passar e deixe uma semente em cada pessoa que irá crescer e se tornar uma linda e frondosa árvore.

GRATIDÃO! GRATIDÃO! GRATIDÃO!

Serigrafia 2017



Referências Bibliográficas

LOURO, G.L. (2009). Heteronormatividade e Homofobia. In: Junqueira, R.D. (org) (2009) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (Coleção Educação Para todos, Vol. 32, p. 85-93) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco.

MARTINS, Georgina da Costa. O Menino que Brincava de Ser/ Ilustrações: Wainer, Pinky. - 4. ed - Brasil - DCL Editora, 2000.

OLIVEIRA, Amanda G. de. - PASTANA, Marcela. - MAIA, Ana Cláudia B. Padrões normativos de gênero em livros infanto-juvenis sobre educação sexual. Revista de Psicologia da UNESP 10(2), 2011.(pág 80-90)

PIRES, S.M.F. (2009). Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...: o amor romântico na literatura infantil. - Porto Alegre, 176 f. Tese do doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

PLANTEL, Equipo. As Mulheres e os Homens/ Ilustrações: GUTIÉRREZ, Luci. - 1. ed - Coleção Livros para o Amanhã, editora: Boitempo - selo: boitatá, 2016

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Sammus, 1982.

TRAJANO, Rosângela. Um menino meio assim/texto e ilustrações Rosângela Trajano. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.